



José Cardoso Pires

A cidade cor de burro

Tanner chamou a Lisboa uma Cidade Branca. Wim Wenders, autor de notáveis obras, viu-a em chaga antiga num espaço reduzido. Uma janela de pátio sem vidas e sem almas, sem cidade. Isso faz-me lembrar os camponeses que dizem que as bruxas à solta são da cor do burro quando foge porque correm e escoucincinham sem sair do mesmo sítio.

ÀS 16H15 DO DIA 12 do corrente compareceram no cinema King 18-INTELIGENTES-18 para conhecerem Lisboa na versão de Wim Wenders. Ninguém mais nessa "matinée" a não ser eu, que não contava para coisíssima nenhuma e que tinha vindo àquele filme apenas para redescobrir cinema e aprender a cidade. Mas uma vez que na sala havia, hélas!, uma embaixada de inteligentes ou como tal, pus-me de ouvido esdrúxulo para lhe poder aproveitar qualquer comentário que me actualizasse no discurso e me libertasse de certos primarismos que me andavam a comprometer.

Que me libertasse, seria pedir de mais, porque em Portugal a "intelligentsia" que dá os bons-dias em matéria de 7^a Arte não presta ajuda a ninguém. Tem cá uma sintaxe que nem o Chomsky é capaz de atingir, quanto mais um "outcast" tão mal amanhado como eu, que só há dias é que soube que o António Lopes Ribeiro era "o pai do cinema português". Indesculpável, reconheço. Aprendi isso na TV pela boca dum responsável oficial de reconhecida isenção e a partir daí fiquei a perceber que quem dissesse mal do pai tirano ou era sectário por ignorância ou comunista coitadinho.

Mas o que me é mais confrangedor é a tendência que eu tenho para desconfiar dos estrangeiros do cinema quando apontam a câmara para Lisboa. Mal chegam, vejo-os logo a deitarem-lhe mau olhado, e o pior é que fazem isso com um paternalismo internacional que até comove. Nessa especialidade o louvado mestre Alain Tan-

ner foi um realizador sem bandeira e um daltónico do piorio porque chamou a isto Cidade Branca depois de a pintar toda de sujo.

Cidade Branca é Argel, há anos e anos que tem essa legenda. Mas Tanner esteve-se nas tintas. Tratou a cor em melodrama de faca e alguidar, misturou Lisboa com Argel (ou com Rabat, tanto faz), viu como viu ou quis ver, e depois? Depois a um génio de fora não há que levar a mal, dizem os especialistas em estrangeiro, e Tanner deixou-nos perdidos num branco mourisco que até encandeia os ceguinhos.

Quanto à Lisboa de Wim Wenders, eu já me achei suspeito de incapacidade de leitura criativa quando a vi no "Estado das Coisas". Mas quem não gostou calou-se muito caladinho porque a "task force" da opinião não lhe deu tempo nem lugar para abrir a boca e os verdadeiros entendidos dobraram-se em vénias até aos pés. O que eles não esperavam é que Wenders os iria lixar bem lixados anos depois (PÚBLICO, Maio de 94) ao confessar que nesse filme "não tinha feito justiça a Lisboa". Aí, os meus opacos "megabytes" tiveram um brilhoso de confiança e foi por isso que me arrisquei a ir ver o "Lisbon Story" numa sala preenchida por 18-INTELIGENTES-18.

Wenders é um dos realizadores da

minha preferência, sempre foi. Da minha preferência porque na sua narração cinematográfica o sinto ligado à escrita de Peter Handke, não só na "Angústia do Guarda-Redes no Momento do Penalty", é evidente, mas também no "Amigo Americano" e no "Paris, Texas". Da minha preferência ainda pela sua homenagem a Nicholas Ray ("Lightning over Waters"), esse génio da solidão e da coragem. E disse.

Notável este realizador, notáveis estas obras, mas no seu último filme, Lisboa é uma janela de pátio sem vidas e sem almas, sem cidade. Alfama, Escolas Gerais, eléctricos ronceiros, um cenário obrigatório que já cá se sabia em todas as aventuras de filmar, isto e mais nada para enquadrar um espaço mínimo e podre (espaço mágico, diria um inteligente para me pôr na ordem) onde não cabem ficções mas insinuações delas. "Lisbon Story", uma Lisboa identificada admiravelmente pelos Madredeus e tristemente pelo Pessoa num lugar-comum tantas vezes repetido no cinema, na arte e na literatura. Caramba, se eu esperava isto! Espantoso, espantoso, foi Manoel de Oliveira, que, tocado pela varinha do Chaplin, em meia dúzia de passos de humor sublinhou de imaginação viva a simbologia-base do filme.

E disse. Tanner chamou a Lisboa uma Cidade Branca. Wim Wenders viu-a em chaga antiga num espaço reduzido. Isso faz-me lembrar os camponeses que dizem que as bruxas à solta são da cor do burro quando foge porque correm e escoucincinham sem sair do mesmo sítio. ●